



Le Bresilien;

L'homme du lieu auquel le Bresil croist.
Est tel qu'icy, à l'oeil'il apparoit,
Leur naturel exercice s'applique
Coupper Bresil, pour, en faire trafic,

Antonio Miranda

Brasil, brasis
p o e m a



© by *Antonio Miranda* 1999
Todos os direitos reservados ao autor

Editoração eletrônica:
Victor Tagore

Revisão:
Autor

Capa:
Laura Bello Soares

Foto da Capa:
*Escultura Bandeira do Brasil,
de Antonio Miranda*

M672b Miranda, Antonio
Brasil, brasis; poema / Antonio Miranda. — Brasília :
Thesaurus, 1999.
72 p. : il.

1. Brasil, Literatura – Poesia I. Título

CDU 869.0(81)-1
CDD 869.1B

ISBN 85-7062-191-4

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito do autor. THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA, SIG Quadra 8, lote 2356 - CEP 70610-400 - Brasília, DF. Fone: (061) 344-3738 - Fax: (061) 344-2353 www.thesaurus.com.br - Endereço eletrônico: thesau@gn.com.br

Composto e impresso no Brasil
Printed in Brazil

*E há nevoentos desencantos
Dos encantos dos pensamentos
Dos santos lentos dos recantos
Dos bentos cantos dos conventos...
Prantos de intentos, lentos, tantos
Que encantam os atentos ventos.*

Fernando Pessoa

I



*O Brasil que eu vejo se imagina
diferente em seus ínclitos fervores
mas que é, nas entranhas férteis
— horrores! —, miragens e estertores.*

*Um Brasil que se dá negando
seus favores. Palavras vazias,
luzidias, ostentando insígnias
na imensidão insólita,
voraz. Continental. Etc. e tal.
De paredes alcalinas,
ou de pedras de alcantaria;
dormentes pungentes,
vociferando seus rancores.*

Seus amores.

*Brasil que se sabe imperfeito
em sua completeza,
natureza falaz.*

*Idiomas retorcidos
como troncos desterrados;
do português solitário e saudoso
ao alemão acaboclado,
do eslavo soturno e grave,
do guarani esquecido.
Como ferros retorcidos,
de cerne ungido,
em lânguidos gemidos.*

A Pátria dói nas entrelinhas!

*Dói nas vertentes, precipícios,
dói no estupro das palavras
despistadoras, mas assumidas.*

*Pátria que se derrama pelos esgotos,
pelos escombros, como escambo,
favores e escárnio. Raios!*

*Vergonha de seus mortos insepultos,
enterrados-vivos, mal-nascidos,
vermes navegantes;
estandartes de luz, crenças e
desavenças. Praias insondáveis.*

*Do Amazonas descem macunaimas,
marabuntas. São índios das galáxias,
maracutaias. Sapucaias, sagüis.
Inferno verde, amarelo, azul,
a pororoca dançando o boi-bumbá!*

*Onde está Francisco de Orellana
com suas velas infladas
singrando o dulce mar
das águas ribeirinhas,
das samambaias gigantescas,
dos úteros úmidos dos trópicos,
dos umbigos marajoaras?*

*Uma procissão de vassalos mal nutridos,
fartos mas carcomidos,
disfarçados.
Carnaval dos canibais!*

Quadris, quatis, tupinambás!

Ser-o-outro, transfigurar-se.

*Amazônia de milênios, madeiras,
sementes, metais enterrados,
de povos submersos, inchados,
como cipós pendurados,
como pássaros,
como plumas, vertentes,
peixe-boi, rádio de pilha.
Maravilha!*

*Terra à vista! Santa Cruz!
Primeira missa, derradeira luz.*

*Miçangas, bugigangas,
balangandãs.
Maracanãs!
Um arrastão na praia,
Cobaia, colônia, pau-brasil.*

*Lá vem a ala das baianas,
das sotainas, pais-de-santo,
lá vem a comissão de frente,
bispos, ministros, parentes,
personagens sinistros,
crentes.*

*A pátria de chuteiras,
de cócoras,
descendo a ladeira,
dando rasteira, capoeira.*

Nossa Senhora da Aparecida!

Padre Cícero!

Rei Pelé!

*Dos pampas sopram frios clamores.
Militares, esporas.
Vastidões, fronteiras.*

*É um litoral que sobe,
- ou desce? -,
retorce, enfurece.
São praias, são ilhas,
melancolias.
Samba-canção.*

*São bandeirantes, gaúchos,
bóias-frias,
são marias, é raimundo,
é lampião! É japonês.
Crisol, amalgama, vertigem!
Ou são vestígios?!
Origens, transfusões?*

*É escola-de-samba, pastorinhas,
é passarela.
A Pátria desfilando em salto alto!*

*Maracatú, maracangalha,
galpão crioulo, gafeira.
Vira-lata.*

Barões, espigões, rojões!

Palavras miscigenadas.

*O Brasil de macacão,
tomando chimarrão.
Porão.*

II



*O Brasil que se mostra não é
o que é, mesmo que verdadeiro.
Por inteiro. Reflexo do reverso,
em verso derradeiro.*

Mineiro, pandeiro, inzoneiro.

Adormecido em berço esplêndido.

Cabral inaugurou o shopping-center.

*Verde-mar, areia ardente.
Recôncavos, serpentes.
Um mesmo território,
uma mesma língua
de sotaques e repentis,
idiossincrasias.
Fantasias!*

Cabral, mestre-sala dos mares!

*Náufragos, emergentes...
Maresia, pradaria, indolentes.*

*Das Minas Gerais descem mineiros,
pedrarias, dissimulos,
juscélinos. Saudades de além-mar!*

*Um retrato na parede,
Grande sertão, veredas!
Portões, cruzeiros, profetas.*

Do carioca, o abraço eterno.

*O que dói é esse engano
permanente,
o pode-ser-que-seja
mas também pode ser que não seja.*

*A Pátria dos dízimos,
dos compulsórios.
Vestida de gala,
de rainha, destaque de luxo,
pires na mão.
Pirão, cafetão.
Tudo vira samba-enredo,
folgado, são joão.*

*A gente sente e mente
ou desmente.*

O vir-a-ser, o devenir.

As palavras empobrecem

o discurso e o verso.

Deixa prá lá, tudo bem.

Muito bem, bem, bem..

Há glórias, vitórias,

fanfarras, formas bizarras

de sobreviver.

Ufanismo, casuísmo,

gigantismo.

*As aves que aqui gorjeiam,
as ervas que aqui grassam
e vicejam,
as rimas que aqui florescem
e escurecem,
os retirantes que deambulam,
as águas que se precipitam,
os fetos e os desafetos,
o que é sub-reptício,
o que é implícito,
o que podia ser
mas não é.
Cafuné. Pois é.*

Você sabe com quem está falando?!

*No íntimo, os horizontes incontidos.
Inconsúteis.
Deixa prá lá.*

*O Brasil é uma nota de rodapé.
Terra dos papagaios,
pára-raios, parabólicas,
das multidões distraídas,
sofreguidões.*

Mas a gente ainda chega lá!

III



*O Brasil que a gente sonha
tem contornos de mulher,
tem ancas, bumbum, potrancas,
duas polegadas a mais.*

*Um Brasil feito de ébano,
com bombachas e cocares,
como um São Sebastião eunuco,
num sonho maluco
desfilando na Sapucaí.
Você é de Niterói, eu sou daqui.*

*Fé cega, faca amolada,
bala perdida, balas de
São Cosme e São Damião.
Guardiões na contramão.*

*E ainda mais:
as porteiras e os latifúndios ancestrais,
os diplomas, alvarás e as certidões
dos cartórios hereditários,
mármore, pedestais.
Rui de tanto ver vencer a
incúria e a insânia
lança um manifesto tropicalista
com o Gil e o São Caetano.*

*Palavra-puxa-palavra,
um caso atrás do outro,
a fogueira, os balões,
os circos e as borboletas.*

Ordem e progresso.

*Retrocesso. Desordem,
e até subversão. Por que não?*

*As estrelas patriotas
em constelação,
no firmamento. As juras de amor
do casamento,
a pereba, a ameba, o linchamento.*

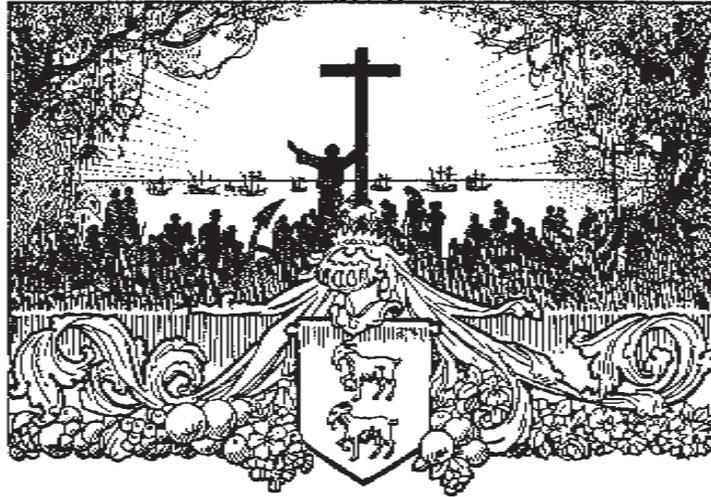
*O azul marinho de Pancetti,
as bandeirinhas festivas de Volpi,
os malandros no Pelourinho
e a eterna ronda na Paulicéia desvairada,
em revoada,
um pombo, outro pombo,
nos arquivos da Torre do Tombo.*

*Assim como os frutos e os rouxinóis,
assim também as bromélias e os insetos,
debaixo dos lençóis de todos os afetos,
o pavilhão ostenta ouropéis,
prosopopéias.*

*São os tenentes em sedição febril,
são negras em eterna sedução,
alabastros, arcadas, mamelucos,
portos, flechas, bananas em penca,
onças e macacos,
benzedeiras e freiras, serestas!*

*Todos os brasis no relicário,
todos os brasões, armários,
virgens, salafrários,
não obstante os altares profanos,
os terreiros, a jaca de aroma
afrodisíaco. Tudo ou nada.*

IV



*Ó Pátria amada, idolatrada,
salve, salve!*

*O Brasil é um ponto de exclamação,
extrema-unção,
salve-se quem puder!*

*É um caudatário de veias auríferas,
de entranhas vegetais, paus-de-arara,
manguezais,
biodiversidade. Mediunidade.*

*Todas as palavras fazem o Brasil
indivisível, múltiplo,
todas as florestas, queimadas,
todas as regiões, azulejos,
religiões, arestas, capitânicas,
letargias, liturgias,
todas as louvações,
rezas, todas as proclamações,
os sobrenomes compostos,
os nomes híbridos,
os sem-nome,
os sem-teto,
os que vieram e os que se foram,
os soterrados,
degredados,
os bem-nascidos,
os bem-aventurados...*

Em se plantando tudo dá!

Dá caju, dá maracujá.

Dá vertigem,

dá jabuticaba,

dá vergonha.

E no que dá, é que é!

É mestiço, é caleidoscópico.

*É a araucária e o vinhático,
é o destino errático
mas sempre no rumo certo.*

Vale tudo ou vale nada.

*Vales verdes, verdade,
um sonho vivido.
Brasil.*

*Capixabas, potiguares,
vaqueiros do Pantanal.
Mas, afinal,
o que faz o Brasil, brasil?!*

*É o futebol, o pôr-do-sol?
É o acarajé, o pajé,
e agora, José?
É o que não é
mas bem podia ser?*

*Se os deuses quisessem,
se os orixás,
o vatapá,
se não fosse a maleita,
se não fosse a seca,
se não fôssemos nós.*

E haja futuro!

*E haja contrastes, promessas,
premonições.*

*Haja tucano, pernambucano,
ludovicense, soteropolitano,
chacrete e pivete.*

Com muito confete.

V



*Brasil, mostra a tua conta
bancária, relíquias, Pão de Açúcar,
Cristo Redentor: os executivos regem
orquestras globalizadas.
Antropofagia cultural.*

*São negros-amarelos, brancos difusos,
são dekasseguis, cafuzos, divisas,
fronteiras, valores, reais, confusos
protestos. Ancestros, travestis.*

*É híbrido e castiço
por que o nosso azul é
mais anil,
feitico,
e ainda melhor:
das Tordesilhas às virilhas.*

Senta a pua!

*E quem não se trumbica,
articula, verseja, desconversa.*

*Chão de estrelas,
céu de pedregulhos.*

[Já que os doutos louvam os substantivos]

*Marulhos, os olhos, as ilhas,
vovô viu a uva, saúva,
marcha à ré, retomada,
retirada da Laguna, invasão,
o hiperrealismo da televisão,
e todos os ismos
na contramão.*

*[os preconceituosos refugiam-se
nos adjetivos.]*

*Só o cinema revela a nossa
americanidade,
europeus/africanos/asiáticos transladados,
buscando a nossa aboríginidade,
a igualdade na diversidade,
dilema,
Grande Otelo, Princesa Isabel,
daqui não saio,
daqui ninguém me tira
só se a Anália quiser
e se a Amélia vier, nunca só,
eu vou prá Pasárgada.*

Migalhas, maravilhas!

VI



*Do Brasil que historiamos
saem heróis e estátuas eqüestres.
Inconfidentes, videntes,
vedetes. Santos barrocos,
piás, jangadeiros,
campeões de fórmula um.*

*E se fosse pouco,
inventamos o avião
e a micarecandanga.*

*No relicário as figas,
as ligas, o vigário,
os incensos, os incestos,
proliferam os sicários,
operários. As carpideiras deploram.
Os impostos
e os impostores nivelam-se
em céu de brigadeiro. Emblemático.*

*Para não dizer que não falei de flores,
venham as mulatas em seus andores.
Margaridas, diacuís.
Rosa profana.*

*Novelas, programas de auditório.
Do promontório de Sagres
se avistou tamanho mar
e tanta felicidade!
Tantas dunas, sertão afora,
cerradão.*

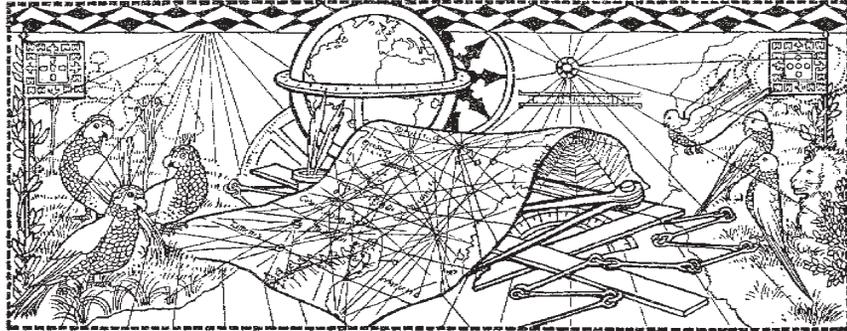
*Do Planalto Central emanam leis,
saem bandeiras, assessores,
nos aviões, nas infovias,
nas ondas da Radio Nacional.*

*Porque o Brasil é muitas vezes,
é muito mais, é isso aí,
é aquele abraço,
é o jeito e trejeito,
é a hóstia e o despacho.*

*“E pau, é pedra,
é o fim do caminho...”,
é o fim da picada,
pau a pique, sol a pino,
imigrante, nordestino,
é o jogo do bicho,
e a propina.*

*Na rodada do milênio,
a terra da promessa,
Dom Bosco, Alto Paraiso,
suco de graviola, santo daime,
loteria, o Capiberibe e o Beberibe
formando o Oceano Atlântico.
É tudo isso, e acho pouco!*

VII



*Escrevo, e ele se levanta
até onde a vista alcança
e aos olhos se agiganta!*

*Porque hoje é sábado,
porque Deus é brasileiro.
Dia de praia, de feijoada,
de forrobodó e de sarapatel,
quebra-queixo, ladainha,
moça bonita, caipirinha.*

*Escrevo e ele me encanta
até em sua extrema necessidade,
impunidade, em sua cantoria,
folia, perplexidade.*

*O Brasil é a viola iluminada,
500 anos, cafezais,
é a greve, a invasão,
a bola na rede, o peão,
a receita da vovó aposentada.*

*Á beira do fogão,
do micro-ondas,
do mico-leão-dourado
preservado em selo e cartão-postal.*

*Barafunda, algodoal.
Rios submersos,
sentimentos inconfessos,
direitos, constituições,
queixumes, privilégios,
sortilégios.*

*Os teus filhos estão em ordem alfabética
diante de teu pedestal,
em cadastros e homilias,
alguns nem conseguem ler
as tuas heranças, sentenças,
pragas, tuas decifrações.*

*Haja tinta e haja papel!
Haja intérpretes, âncoras,
cronistas e repórteres,
romeiros e figurantes!*

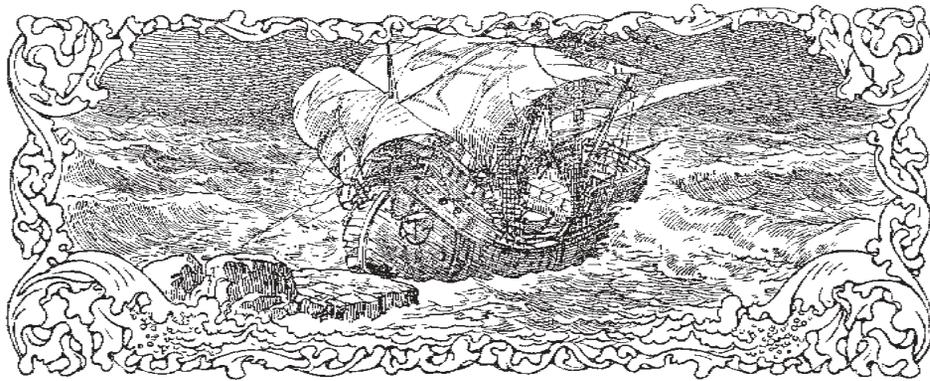
*Diante de tua grandeza
somos ainda maiores
em nossa perseverança,
pequenez, aventuraça,
em nossa crença infinita,
aos teus pés, penitentes,
degredados filhos de Eva,
bisnetos de Caramurú.*

*Haja fama e haja lama,
que aos céus o ardor proclama!*

*Brasil,
um som intenso, um rio lívido
de amor e tolerância
à terra desce.*

*Das outras mil, és tu Brasil,
ó Pátria Amada, Idolatrada,
em câmara ardente,
em sesmaria,
nas esquinas e botecos, na sacristia,
no sindicato e na estrebaria,
Mão Gentil,
teu filho pródigo,
teu amante endividado,
tua razão e o nosso ser,
hipotecado de amor,
e de esperança.*

Brasil!



BIOBIBLIOGRAFIA

ANTONIO Lisboa Carvalho de MIRANDA

é membro da Academia de Letras do Distrito Federal. Nasceu no Maranhão, em 5 de agosto de 1940. Formado em Biblioteconomia pela Universidade Central da Venezuela, mestre pela Loughborough University of Technology (Inglaterra) e doutor pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação. Foi colaborador de revistas e suplementos literários tais como o legendário *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, de *La Nación* de Buenos Aires, *Imagen* de Caracas, autor de teatro e de livros de poesia e ficção tais como:

Versos Itinerantes. Amazônia. Caracas: 1967. 61 p. (Ilus. Rubem Chávez).

La fuga: anticuento. Trad. Lucrécia Manduca. Caracas: Tip. Remar, 1969. 33p.

De Creencias y Vivencias. Caracas: Tip. Remar, 1971. 40 p. (Capa: Carlos Poveda)

Tu País está Feliz. Caracas: Tip. Remar, 1971. 40 p. (1ª, 2ª, 3ª, 5ª ed.)

_____ 4ª ed. San Juan, Puerto Rico: Coop. Nac. Artes Teatrales, 1971. 40p

_____ 6ª ed. Ampliada. Caracas: Tip. Remar, 1972. 79 p.

De Crenças e Vivências. Brasília: Editorial Itiquira, 1979. 103 p. (Capa Inácio da Glória)

A Quadratura do Ó; romance. Brasília: Thesaurus, 1979. 103 p. (Idem)

Brasília, Capital da Utopia: visão e revisão. Brasília: Thesaurus, 1991. 223 p. ilus.

Tu País Está Feliz; poema dramático. 7ª ed. Brasília: Thesaurus, 1991. 120 p. (Texto em Português e Espanhol)

Caminhos de Integração; antologia poética. Brasília: Thesaurus, 1993. (Obra coletiva)

CALIANDRA, Poesia em Brasília. Brasília : André Quicé Editor, 1995. 224p. (Obra Coletiva).

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA
THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA
SIG. QUADRA 08 LOTE 2356 TEL: (061) 344-3738
FAX: (061) 344-2353 BRASÍLIA - DF 70610-400